

CENTENÁRIOS

Lembrança de Antônio Girão Barroso

Na aparência tão simples, mas decerto
desencantado e misterioso o verso
com que exprimias tuas penas,
o indiferente e o inútil do universo.
E sabias captar como ninguém
a marca essencial dos seres e momentos.
Foste capaz, por isso,
não de cantar um vaso grego,
mas facetas da vida ou do cotidiano:
o homem do guarda-chuva,
os braços da namorada,
o silêncio de quando te fosses,
a noturna figura do morcego...
Por levares os bolsos cheios de frutos,
e a muitos concederes tua sombra,
é que te ergueste contra a destruição das árvores?
Visita o humano ser, não raro, alguma insânia,
porém nóbre era a tua, era a Poesia,
a doce amada que chamavas Mânia.
Se não a cultuaste tanto com poemas,
consagraste-lhe mais: tua existência,
com a grandeza da imprudência,
com a energia da insistência,
com a comoção da inocência.
E em vez de versos, rosas só querias
a uma outra, cujo nome era Maria,

ofertar, apesar dos versos serem rosas.
Disperso no poetar e no existir disperso,
ias ao ar com os teus ais,
semeando o escasso verso,
enquanto os ventos na vida
se faziam vendavais.

E, se dizias ter saudade de ti mesmo,
recordavas, acaso, os tempos bons do Icó.
Ausente muita vez ficavas deste mundo,
como alguém que andasse a esmo,
ou a escutar de algum relógio o ruído,
o único som realmente ouvido,
quando te viste uma noite mais só.
Tu que acudiste tantos moços,
dando-lhes um abrigo em concorrida nau,
a da eterna Literatura,
com a promoção de artísticos esboços–,
gritavas no íntimo – me acudam!–
durante a vida que achavas pau,
até não sentires vau
sob os pés, entre alvoroços.
Mas poetas como tu foste,
peçam embora que os acudam,
e mesmo com o naufrágio, nunca morrem,
apenas daqui se mudam.